

Esquecida vivia  
do meu corpo. Umha pobre mulher  
cumha filla de vinte e cinco anos,  
que tem à sua vez  
umha filha de três, e vive longe.  
Umha muller já bem  
madura, porque tem  
umha filha de vinte e cinco anos.  
Umha mulher abandonada  
polo marido, sem recursos,  
sem estudos, que tivo que empregar-se  
numha oficina para um trabalho  
rotineiro, há muitos anos, já.  
E assi vive, entre companheiros  
indiferenres, apressados, descontentes;  
descontente, apressada, indiferente.  
Vestida sem cuidado,  
penteada sem esmero.  
Sem horizonte, só, sem ilusom.  
E apareceste ti,  
um parente remoto  
e que necessitava um documento  
que se expedia na minha oficina,  
e eu lhe facilitei.  
Um parente remoto  
a quem nom vira nunca, e que vivia  
numha grande cidade de além-mar.  
E, sorprendentemente,  
achaste-me formosa.  
Dixeste-mo,  
e no teu rosto lim que eras sincero.  
E foi um terramoto para mim.  
No meu apartamento, pola noite,  
dispo-me  
perante o espelho, e acho  
que tés razom, que o meu corpo é formoso  
ainda, e gostaria  
de que o visses assi, sem véu algum.  
E, nua, entro no leito  
pensando em ti, para sonhar contigo,  
e renace entre a escuma dos lençóis  
umha esquecida voluptuosidade,  
e fecho os olhos, porque em sonhos ponho  
neles os lábios teus.  
Manhá convidarei-te a visitar-me;

a tomar umha copa,  
ao sair do trabalho,  
no meu apartamento.  
Tomaremos a copa, e cando eu veja  
que a hora soou  
nos teus olhos, nos teus  
beijos, nas tuas mans,  
farei o mesmo que hoje fago,  
decidida, tranquila,  
sem temor, sem rubor.  
Despirei-me, mas nom  
ante o espelho: ante ti.  
Nua, sulagarei-me  
no leito: mas contigo.